

## Introdução

Esta tese surgiu de uma provocação ocorrida ao término de um curso de especialização em filosofia contemporânea, na PUC-RJ, quando fui apresentada ao pensamento de Jacques Derrida, através do texto *Geschlecht. Différence sexuelle, différence ontologique*<sup>1</sup>. Na verdade, o interesse pela filosofia me acompanhou durante a minha formação psicanalítica, e o curso da PUC apresentou-se como uma oportunidade para efetivá-lo de modo mais objetivo. O impacto causado pela novidade apresentada pelo pensamento de Derrida, em especial o seu tratamento da questão da diferença sexual, primordial para a psicanálise, foi o que me levou a explorar a sua obra no curso de mestrado em Filosofia.

Derrida é um grande leitor de Freud e o seu pensamento se desenvolveu numa convivência estreita com os textos psicanalíticos. Acredito que ele seja o pensador contemporâneo que mais valorizou o gesto freudiano, num reconhecimento profundo da força avassaladora da psicanálise, o que, contudo, nunca o impediu de denunciar que ela, muitas vezes, não leva a fundo as suas implicações, cedendo ao desejo de se harmonizar com aquilo mesmo que pretende abalar. Como diz, “É em seu poder de pôr em crise que a psicanálise está ameaçada e entra, portanto, em sua própria crise”<sup>2</sup>.

Além da sua aproximação, na verdade uma familiaridade muito inquietante com a psicanálise, a obra de Derrida possui também um outro aspecto que muito me atraiu - a sua variada e densa leitura de textos filosóficos.

Em minha dissertação de mestrado, ao desenvolver o tema da diferença sexual, acompanhando, com ele, as repercussões que este tema poderia ter para a filosofia, tive a oportunidade de, através do aprofundamento das leituras dos seus textos, verificar a amplitude das questões abordadas em sua obra. A partir daí, era

---

<sup>1</sup> DERRIDA, J – *Geschlecht, Différence sexuelle, Différence ontologique*. In: *Heidegger et la question*. Paris: Flammarion, 1990.

<sup>2</sup> DERRIDA, J. Estados-da-alma da psicanálise, traduzido por Antonio Romane e Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001. p.70

inevitável que se seguisse o curso de doutorado para um *ir além* com Derrida e a filosofia.

Nesta nova etapa, a sua intrigante noção de *meio-luto* possibilitou um encontro entre a psicanálise e o pensamento da desconstrução; contudo, mais do que isto, esta noção acabou por determinar o rumo desta tese, pois que ela, a um só tempo, revela o gesto desconstrutor e abre a compreensão da relação com a alteridade, a marca derridiana por excelência.

O tema do *meio-luto* pensado por Derrida emergiu da sua intervenção sobre a questão do luto elaborada por Freud, em *Luto e Melancolia*. O seu questionamento quanto à possibilidade de um luto cumprir-se em sua totalidade o levou a pensar uma noção de luto que pudesse traduzir a relação com a alteridade radical, que, por esta razão, constitui um trabalho que nunca se cumpre. Derrida resgata uma aporia como constituinte de todo luto e nele a inscreve com a sua noção de *meio-luto*, ou luto impossível, um trabalho que nunca tem fim, assim como o incessante movimento do pensamento.

O *meio-luto* trouxe como primeira reação o desejo de abordar a questão da alteridade, através do contraste entre a desconstrução e a psicanálise. Pensar o que aproxima estes discursos e o que os afasta: o que os diferencia no que diz respeito ao acolhimento de uma alteridade irreduzível? Responder às observações e provocações derridianas quanto à psicanálise para, mais uma vez, redizer a sua singularidade, a sua força desviante de tudo o que se recolhe como pensamento da presença, ao mesmo tempo em que parecia uma proposta sedutora, mostrava-se como o perigo de uma opção pouco enriquecedora, e até mesmo redutora, dos dois pensamentos. O gesto de Derrida, e aquilo que nele busquei, parecia indicar um *para além* desse confronto. Era importante respeitar a sutileza que caracteriza a operação de Derrida – sem limitar-se ao simples enfrentamento, ela faz falarem a psicanálise e a desconstrução, sem com isto delas se apropriar; ambas mantêm o seu vigor, exasperando-se e exacerbando-se mutuamente, sem o desejo de resolução ou apropriação. Tal gesto, acredito, é sugerido pelo *meio-luto* derridiano, com a sua impossibilidade de apreensão da alteridade. Derrida se serve do luto freudiano para apontar, *iluminar*, uma outra questão - que é também uma questão da psicanálise -, e que não se diz no luto que o próprio Freud descreve; numa palavra, a questão da alteridade radical, que complica o que Freud tenta resolver, ofuscando aquilo que é a força mesma da psicanálise: seu enfrentamento

e imposição à tradição da alteridade, pois que esta tradição só lida com ela enquanto exterioridade nomeada e garantidora do sistema que a indica - Deus para a religião, a razão para o pensamento; significado transcendental, aponta Derrida.

O contato com os temas do *meio-luto*, da herança com sua fidelidade infiel, da exigência inarredável de tradução, da suspensão de fronteiras que o trato com a alteridade irreduzível impõe, do estrangeiro, da hospitalidade, da leitura como uma intervenção violenta em todo texto e da invenção que vivamente compõe a trama desconstrutora, faz com que a vontade de restituição, de reconciliação ou recomposição de limites se desvaneça. Assim sendo, caminhei pela desconstrução sabendo que o que importa é permitir que cada discurso possa exercer sobre um outro um poder de interrogação e provocação, não como exigência de resposta, mas como perpetuação e atualização de um desejo de invenção.

Deste modo, esta pesquisa se concentra sobre a questão da alteridade na desconstrução, pois que ela possibilita a reconsideração, de um modo totalmente outro, das indagações e perplexidades que se apresentam na cena contemporânea. Sua contribuição, insisto, advém da sustentação desta alteridade na sua radicalidade.

Esta pesquisa divide-se em quatro capítulos, onde foram delineados três modos de aproximação do tema da *alteridade* em Derrida: o enfrentamento da alteridade que se inscreve como *rastro* no discurso da tradição e que em nosso tempo aflora, cada vez mais, invadindo todos os discursos e impondo um novo paradigma ao pensamento: a escritura. A abordagem do *meio-luto* como a noção que traduz a relação possível e impossível com a alteridade, e, finalmente, o destaque dado por Derrida à *experiência do impossível*.

Um breve mapeamento desta pesquisa:

No primeiro capítulo, *Desconstrução da origem*, abordei o gesto inicial de Derrida: o seu afastamento de um pensamento da presença e a sua ruptura com a *idéia de origem*. Deste gesto decorrem todos os desdobramentos da sua obra. Na primeira seção, tratei de temas que foram desdobrados ao longo do percurso, e, em seguida, com o sub-título *A différance: como quase-conceito*, abordei esta noção que, juntamente com a de *escritura*, se confunde com a idéia mesma de

*desconstrução*. A atenção dada a Nietzsche, Freud e Heidegger, os três autores que mais influenciaram a sua obra, se justifica pelo fato de que eles não somente têm o rastro da diferença inscrito em seus textos, mas porque, cada um a seu modo, fazem dela o seu tema. Este capítulo se encerra com a consideração de que a noção de *texto* em Derrida se oferece como aquela que capta um movimento que não é mais o da presença, tal como ocorre com a idéia de livro.

No segundo capítulo, a *escritura* foi apresentada como um novo paradigma que se impõe ao pensamento; aqui, o tratamento detalhado dado aos primeiros textos de Derrida se deve à necessidade de assinalar as suas principais características, o *para além* que ela, a *escritura*, indica. Em seguida, tentei acompanhar, passo a passo, a operação de Derrida, a sua leitura de diversos autores, num processo de lenta consideração do que ela coloca em jogo. Finalmente, com a abordagem de *Le monolingüisme de l'autre ou la prothèse d'origine*<sup>3</sup>, procurei sinalizar, no tratamento da *língua*, as conseqüências do pensamento da *escritura*.

No terceiro capítulo, a noção de *meio-luto* foi investigada na perspectiva daquilo que caracteriza, no pensamento da *escritura*, a relação com a alteridade. A abordagem dos textos nos quais Derrida discute esta noção, na sua interrogação sobre a psicanálise, evidencia como ele apropria-se de um conceito para estendê-lo, ampliá-lo, fazê-lo ressoar para além das fronteiras que tradicionalmente o circunscrevem. Se o desejo é de apropriação, para Derrida, o seu investimento exige um *Il faut bien manger* que tem menos a ver com uma boa digestão (apropriação), que ainda estaria ligada à presença e ao ideal de verdade, do que com um desenraizamento, um *deslocamento* no qual o “conceito” *meio-luto* passa a ter outras ressonâncias. É assim que o *bem*, do *comer bem*, tem a ver com uma certa descortesia que Derrida traduz, também, em relação à questão da herança, na expressão *fidelidade infiel*.

No quarto capítulo, foi destacada a experiência a partir da qual Derrida define a postura da *desconstrução*: ela é a chave que permite compreender a abertura deste pensamento, pois nela se inscrevem todas as implicações e desdobramentos da meditação derridiana. Há um desejo intenso de aventura e retomada de questões que deixaram de ser consideradas pela filosofia, uma vez

---

<sup>3</sup> DERRIDA, J – *Le monolingüisme de l'autre ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.

que elas pertenciam ou faziam retornar a um velho humanismo. Derrida abraça estas questões sem cair ou voltar ao humanismo, ou melhor, estas questões, pelo viés da desconstrução, apontam para um *para além* de todo humanismo. Como não foi possível, nesta pesquisa, desenvolver todos estes temas, me detive na experiência que se abre para a sua disseminação nos textos derridianos. As considerações sobre a noção de *invenção do impossível* que, talvez, possa ser afirmado como o moto por excelência do fazer desconstrutor, encerram esta tese.